

> FESTA DE NOSSA SENHORA DE ANDACOLLO: RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORTE CHILENO

ANA PAULA HORTA

> ana.horta@unesp.br

Doutoranda em Ciências Sociais

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

CAROLINA HERRERA ROJAS

> cherrera2012@gmail.com

Diplomada em Território e Identidade Cultural

Universidade Católica do Peru

As festividades à Virgem de Andacollo são realizadas duas vezes por ano no Chile, segundo as celebrações indígenas ancestrais. A primeira, denominada “chica”, acontece no equinócio de primavera ao longo do primeiro domingo de outubro. A segunda, designada “festa grande”, ocorre no solstício de verão, no período de 23 a 27 de dezembro. Atualmente, essas festas foram assimiladas pelas celebrações católicas e atraem centenas de pessoas à pequena Andacollo, na região de Coquimbo. A praça principal é tomada pelo som de caixas, tambores e flautas, as ruas ganham cor e brilho com as vestimentas e estandartes dos devotos. As igrejas tornam-se cúpulas vivas do ir e vir de homens, mulheres e crianças que renovam a cada ano o íntimo propósito de se colocarem diante da imagem de Nossa Senhora de Andacollo.

Os instrumentos musicais têm origem ancestral e podem ser feitos de ossos de pássaro, cerâmica, pedra ou madeira. Os instrumentos de sopro são fabricados a partir da cana, sendo chamados de apitos, flautas ou flautones. Algumas flautas são ornamentadas, forradas de tecido ou fitas, ou ainda decoradas com medalhas e lantejoulas. As flautas de madeira têm duas hastes, uma com espessura maior e a outra mais fina, formando um tubo fálico que remete à força simbólica da fertilidade masculina. Por outro lado, os sons dos tambores feitos de couro de cabra e tranças ressoam poderosos e vibrantes remetendo-nos ao centro da vida, ao útero feminino.

O “baile *chino*” inicia-se ao toque dos seus principais instrumentos, a flauta e o tambor. Os integrantes distinguem-se por seus trajes simples ao estilo dos mineradores: bordados ou pintados com flores coloridas, um lenço de seda nas costas e um cinto e um couro acolchoado com espelhos, que vai da cintura aos pés. Em contraste com as tradicionais irmandades *chinas* há grupos que utilizam “instrumentos grossos”, como são chamados os tambores e as caixas industrializadas. Os grupos de instrumentos grossos são subdivididos em índios, marinheiros e morenos ou morenada. Os primeiros, peles vermelhas, águias douradas, dakotas, peles brancas, dentre outros, vestem trajes com plumas e fazem nítida referência aos indígenas dos filmes de *cowboys* norte-americanos. Além dos índios *cowboys*, há

referências aos maputes e diaguitas, grupos indígenas chilenos. Os integrantes do subgrupo de marineiros usam bonés adornados com medalhas, espelhos, lantejoulas e seus figurinos são, geralmente, de cor rosa - alguns são marrons e amarelos, como a coloração das colinas e do mineral. Há ainda as vestimentas alaranjadas como o pôr do sol no horizonte, e aquelas azuis e verdes lembrando o mar, o céu e os campos. A escolha das cores é assim explicada pelos próprios dançantes, que buscam manter uma estreita ligação entre a festa e os elementos da natureza. O grupo de instrumentos grossos está se tornando gradativamente mais numeroso tendendo a ofuscar os *chinos*, inclusive por seus participantes usarem roupas mais chamativas e pelo fato de as caixas abafarem o som das flautas tradicionais.

Em termos de contraposição temos, de um lado um grupo tradicional com referências ancestrais - os *chinos* - e, de outro, os subgrupos de instrumentos grossos que incorporaram elementos atuais, revelando temas, anseios e gostos populares. Assim, a festa que se define como tradicional, atualiza-se constantemente e mantém viva a ancestralidade em meio às transformações, os encontros culturais, os espaços de produção, reprodução e consumo de bens tangíveis e intangíveis. Nessa perspectiva, *chinos* e *gruesos* integram uma festa em constante dinamismo, próprio do contexto contemporâneo em que as culturas populares estão recebendo novos sentidos, num jogo dilemático entre o local e o global, entre a tradição e a modernidade.

RECEBIDO EM 15 DE ABRIL DE 2018

APROVADO EM 21 DE OUTUBRO DE 2018



Fotografia 1 – Mestre de baile Chino dançando e portando flauta ancestral (ROJAS, 2017).



Fotografia 2 – Mestre de baile Chino portando flauta (ROJAS, 2017).



Fotografia 3 – Grupo de baile Chino tocando flautas e caixas enquanto dançam (HORTA, 2017).



Fotografia 4 – Porta estandarte de baile Chino (HORTA, 2017).



Fotografia 5 – Irmandade de baile Chino: dançantes (HORTA, 2017).



Fotografia 6 – Figurantes de baile Chino: vestimentas tradicionais cor de rosa (ROJAS, 2017).



Fotografia 7 – Bailes de instrumentos grossos se apresentando em frente a catedral de Andacollo (HORTA, 2017).



Fotografia 8 – Menina participante de grupo de instrumentos grossos (HORTA, 2017).



Fotografia 9 – Dançantes de instrumentos grossos (HORTA, 2017).



Fotografia 10 – Tocadores de tambores - grupo de instrumentos grossos (HORTA, 2017).



Fotografia 11 – Apresentação de baile de instrumentos grossos (HORTA, 2017).



Fotografia 12 – Baile de instrumento grossos (HORTA, 2017).



Fotografia 13 – Eleição de caciques na catedral de Andacollo: representantes de chinos e de instrumentos grossos mediados pelo sacerdote (ROJAS, 2017).